

TESTEMUNHO

por Mário Soares

Conheci pessoalmente Andrei Gromyko, em Janeiro de 1975, quando visitei oficialmente a URSS, como ministro dos Negócios Estrangeiros de Portugal, após a Revolução dos Cravos. Gromyko era igualmente ministro dos Negócios Estrangeiros e muito mais do que isso: membro do Politburo do PCUS.

Sendo uma pessoa extremamente reservada e, portanto, pouco falador, mantivemos, contudo, uma conversa muito cordial - e mesmo bastante franca - num momento particularmente difícil para os nossos dois Países. Sua Esposa, que também conheci, ajudou a criar o clima propício, por ser profunda conhecedora da literatura russa e termos conversado sobre Tolstoi, Dostoievsky, Gorki, Pushkin, Tchekov, Pasternak e até de Soljenitsyne...

Eu estava ali para explicar a Revolução portuguesa e desenvolver as nossas relações diplomáticas, recém restabelecidas, sem esquecer, obviamente, a minha qualidade de secretário geral do Partido Socialista. Estava preocupado como radicalismo em que parecia ir entrar a Revolução Portuguesa, dado o Partido Comunista Português começar a esboçar a teoria de que Portugal poderia "fazer a economia de uma Revolução" e passar, directamente, de uma democracia pluralista e burguesa para uma democracia socialista, ao estilo das Democracias Populares do Leste...

Pus-lhe frontalmente a questão, sabendo que a URSS estava a negociar com a América e a Europa um clima de détente, no espírito de Helsínquia. Respondeu-me com inesperada franqueza: "o Estado russo, que ali representava, não interviria nos assuntos internos portugueses: era absolutamente neutral, as conversas que mantinham eram de Estado a Estado, fossem os seus interlocutores das cores que fossem. Mas o PCUS poderia ter outra posição, dadas as relações privilegiadas que tinha com o PCP". Fiquei edificado. Conteí essa conversa aos meus amigos da Internacional Socialista, alguns dos quais em reuniões que tiveram com os seus interlocutores soviéticos (como Willy Brandt, Wilson, Callaghan e Mitterrand) não deixaram de advertir (como contam nas memórias que alguns publicaram) os mais altos dirigentes do Estado Soviético, o que representaria a tomada do poder pela força dos comunistas portugueses e dos seus apaniguados, militares e civis. Portugal era um país fundador da NATO, situado no flanco sul da Europa...

Voltei a encontrar Andrei Gromyko muito mais tarde, em Novembro de 1987, quando eu era já Presidente da República, na visita oficial que fiz à URSS, no início da era Gorbachev. Gromyko era então Presidente do Presidium do Soviete Supremo, lugar com menos peso político, mas muito importante no plano da representatividade formal. Pareceu-me um homem diferente: mais cansado mas menos reservado. A situação de Portugal tinha mudado: a nossa democracia pluralista de tipo ocidental estava consolidada, depois da aventura do 25 de Novembro de 1975. O perigo comunista tinha-se esfumado mas mantinha-se, obviamente, como um partido legal, com a representatividade que lhe era dada pelo voto popular. Aliás tinha votado em mim, nas eleições, ajudando a eleger-me como o primeiro Presidente civil da I República Portuguesa.

Tivemos então a oportunidade de nos conhecer melhor, falando de ambos os lados com a abertura e franqueza que os tempos exigiam. Gostei de o ouvir. Era uma personalidade de excepção, que conhecera, por dentro, todas as grandes figuras políticas do seu tempo no Ocidente e, obviamente, nos países de Leste, na Indochina e na China. Tinha deles uma visão lúcida, arguta e objectiva que o passar do tempo lhe conferira.

Andrei Gromyko tem uma biografia excepcional para um dirigente soviético, que foi, passando grandes temporadas no estrangeiro e tendo um profundo conhecimento das relações de força internacionais, num mundo dividido, complexo e violento.

Conheci mais tarde, na Academia do Reino de Marrocos, o seu filho, que foi membro da instituição durante o reinado de Hassan II. Participámos em sucessivas sessões. Falámos do seu Pai (que ele sabia que eu tinha encontrado, por duas vezes) e de sua Mãe. Era um homem de Ciência, não um político. Tinha, contudo, um enorme carinho pela memória de seu Pai, como é natural, e uma personalidade aberta e encantadora...

13 de Julho de 2009